

**Enfermidade e cuidado humano: um diálogo entre a filosofia de Heidegger e a arte de Frida Kahlo**

Caroline Vasconcelos Ribeiro  
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Bahia, Brasil  
Endereço eletrônico: caroline.ribeiro@uesb.edu.br

Marília Santos Silva  
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Bahia, Brasil  
Endereço eletrônico: 201920158@uesb.edu.br

Naiane Santos Matos  
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Bahia, Brasil  
Endereço eletrônico: naiannesm@gmail.com

1566

**Palavras-chave:** Adoecimento. Corpo. Enfermidade

## INTRODUÇÃO

Em que medida a forma como Heidegger pensa a nossa existência e a maneira como corporamos, pode ser frutífera para refletirmos sobre a experiência de padecimento da pintora Frida Kahlo e sobre a maneira como ela foi cuidada ao longo de anos em que foi submetida a várias intervenções cirúrgicas e internações? Essa é a questão central desta proposta de trabalho. Nosso objetivo é realizar uma abordagem sobre o tema da enfermidade e do cuidado a partir de um diálogo entre a filosofia de Heidegger e a arte de Kahlo.

Desde a perspectiva heideggeriana, o fenômeno corporal só pode ser compreendido em sua completude se entendermos o ser humano como um existente, como um ente que além de seus aspectos anatomofisiológicos, traz no corpo sua experiência vivida (Ciocan, 2018). Por isso o filósofo alemão abordará a corporeidade humana a partir do conceito de corpo vivido (*Leib*) e não considerará apenas o corpo material (*Körper*) (Heidegger, 2009). Para Heidegger (2015), na cotidianidade mediana, nós estamos imersos em nosso mundo circundante (*Umwelt*), mergulhados nos afazeres e familiarizados com o clima rítmico e equilibrado que guia nossos modos de ser. Nesses

**Realização:**



**Apoio:**



casos, nosso corpo não chama a nossa atenção. *Leib* e mundo se articulam conforme subo escadas, cozinho, abro portas, sento-me à mesa. Minha memória corporal me faz sentir que “eu posso”.

Quando adoecemos o mundo já não será um sentir-se em casa, mas se abrirá numa alteridade estranha. O estudo fenomenológico da doença proposto por Svenaeus (2011) e inspirado na filosofia heideggeriana, sugere que, na enfermidade, há um colapso de nossa compreensão familiar de mundo e tudo se torna estranho. Róbson Reis (2016) nos fala que um desterro (*Unheimlichkeit*) se instala na enfermidade e traz uma atmosfera do não-lugar, do acósmico. Se o adoecimento é entendido desta maneira, cabe ao cuidado em saúde não só tratar o corpo em seus aspectos anatomofisiológicos, mas, sobretudo, cabe a tarefa de “restauração de um modo não desterrado de estar no mundo, propósito que, quando se considera casos crônicos, letais ou de incapacitação, adquire a forma de uma nova projeção, e não mais de uma restauração, de um ser-no-mundo não desterrado” (Reis, 2016, p.134).

Considerando a vida e a arte de Frida Kahlo, percebemos em muitas de suas telas a atmosfera típica da estranheza e da desesperança que se anuncia na enfermidade. Ao colocar o corpo no centro de telas em que ao fundo, geralmente, se vê o deserto, a terra rachada, infrutífera e inerte, Kahlo torna seu padecimento um foco temático (Herrera, 2011). Nossa hipótese é que a sua arte tem o poder de nos revelar a *Unheimlichkeit* que o adoecimento carrega. Advogamos, ainda, que sua experiência com tratamentos médico-hospitalares lhe proporcionou a chance de acessar um qualificado cuidado em saúde humana, especialmente com o Dr. Farill. Considerando estudiosos da enfermidade e do cuidado humano inspirados na filosofia de Heidegger, objetivamos examinar como a biografia e a arte de Frida Kahlo nos oferece a possibilidade de pensar o corpo vivido adoecido e os cuidados em saúde humana. O elemento dialógico e interdisciplinar que caracteriza essa pesquisa torna sua execução justificável.

## METODOLOGIA

Esta pesquisa ancora-se numa metodologia de natureza bibliográfica, cuja tarefa consistiu em investigar fontes primárias e secundárias sobre a filosofia de Martin Heidegger e a arte de Frida Kahlo. O estabelecimento do diálogo entre a filosofia e a arte

**Realização:**



**Apoio:**



teve como foco o adoecimento e o cuidado em saúde humana, o que implicou no exame de obras de pesquisadores no campo da fenomenologia da enfermidade como Róbson Reis (2016), Kevin Aho e James Aho (2008), Fredrick Svenaeus (2011) e outros ligados ao exame heideggeriano da atenção em saúde, como Virna Cestari et.al. (2017).

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

1568

Ao pintar seus autorretratos, Frida não esconde a história de seus padecimentos corporais e existenciais. Sua obra está à serviço de si mesma, tem a função de ressignificar seus traumas, como o fatídico acidente com o bonde. Segundo Nogueira e Mello Neto (2016, p. 35-36), “neste episódio, Frida teve fraturas por todo o corpo e, além disso, sua pélvis foi atingida por uma barra de ferro, componente de algum dos veículos envolvidos no acidente, que lhe atravessou o corpo e saiu pela vagina. Depois do acidente, passou por um longo período de recuperação.” Alguns de seus quadros foram pintados em leitos hospitalares, em momentos de dor intensa e de reabilitação de intervenções cirúrgicas.

No ano de 1950, Frida fez 7 operações na coluna, passando 9 meses no hospital. Só recebeu alta em 1951, mas sua mobilidade estava reduzida, cabendo-lhe usar uma cadeira de rodas. Além disso, passou a fazer uso regular de analgésicos potentes (Kettenmann, 2022). Durante sua internação, a rotina do Hospital Inglês se adaptou à sua paciente ilustre. Seu quarto, conta Herrera (2011), era todo decorado com caveiras de açúcar, candelabros de cores intensas, pombas de cera. Ao lado da cama, muitos livros, tintas e pincéis. O movimento de artistas e intelectuais amigos era intenso, as enfermeiras adoravam seu humor e as gorjetas generosas, bem como os espetáculos de marionetes que ela fazia com os pés. Durante todo esse tempo, Diego Rivera ocupou um quarto ao lado, dormindo muitas noites no hospital.

Segundo Reis (2016), um dos elementos intrusivos instalados pela enfermidade é a perda da familiaridade com o mundo, a ruptura das práticas cotidianas. Frida Kahlo, apesar de seu doloroso processo de adoecimento, tentou tornar o seu quarto de hospital e sua lida com a equipe de cuidados algo familiar, afetivo e não intrusivo. A falta de êxito completo em alguns procedimentos cirúrgicos, não significa que a pintora não contou com profissionais reconhecidos e muito experientes. O médico que lhe acompanhava e viria, em 1953, a amputar parte de sua perna direita, o Dr. Farill, “era um dos mais

**Realização:**



**Apoio:**



proeminentes cirurgiões do México” e tratava seus pacientes “(...) com a mistura certa de autoridade, simpatia e gentileza. Sempre informal com seus médicos, Frida o chamava de *chulito* (bonitinho) (...)” (Herrera, 2011, p. 472).

Em 1951, Frida fez um autorretrato com o doutor Farill enquanto convalescia em casa depois de uma sequência de enxertos ósseos na coluna realizados pelo cirurgião. A gratidão dela pode ser vista em passagens de seu diário em que Kahlo evidencia a gratidão pelo cuidado humanizado que recebeu do *Chulito* (Kahlo, 2015). Estudiosos da enfermidade baseados na filosofia heideggeriana, como Kevin e James Aho e Fredrick Svenaeus insistem na tese de que o adoecimento incapacitante e crônico instaura uma experiência de infamiliaridade. Há uma ameaça na enfermidade que é da ordem da perda da capacidade de operar em nosso mundo circundante, o que pode nos levar à sensação de invalidez (Aho e Aho, 2008). Há uma espécie de encolhimento existencial no “não se sentir em casa” (*unhomelike*) instalado pela enfermidade (Svenaeus, 2011).

Frida Kahlo tentou, incontáveis vezes, tornar a experiência de desterro instaurada pela enfermidade, pelas convalescenças demoradas e pelas recidivas a menos desintegradora possível. E isso tentou ao pintar-se, ao retratar seus dramas e mazelas. Advogamos que, além de sua força pessoal, o cuidado que recebeu da equipe médica e de enfermagem foram cruciais para que esse processo de ressignificação do desterro pudesse ocorrer. Em uma leitura heideggeriana sobre a atenção em saúde humana, Virna Cestari et al. (2017, p.1175) esclarecem que “o cuidado está envolvo nas ações dos seres humanos integralmente e incorpora a existência humana como manifestação de compartilhamento, troca e reciprocidade”. Entendemos que Frida Kahlo, teve uma experiência de troca humanizada com a equipe que cuidou dela em diferentes circunstâncias e que isso colaborou para sua reabilitação e lida com os padecimentos decorrentes de suas distintas enfermidades.

## CONCLUSÕES

A partir de uma análise fenomenológica da enfermidade, concluímos que, na saúde, geralmente, seguimos o fluxo cotidiano da vida, fazemos planos e sempre contamos, implicitamente, com nossa corporeidade. Mas quando estamos mutilados ou severamente doentes, nosso corpo se encolhe e executa, dolorosamente, nossas tarefas

**Realização:**



**Apoio:**



diárias ou sequer as executa. Assim, o corpo vivido se encolhe e o “não se sentir em casa” se instaura. Encontramos essa atmosfera experiencial em algumas cartas de Frida Kahlo a amigos e familiares e em muitas de suas telas. Em outras, encontramos a expressão da gratidão pelos cuidados recebidos pela equipe de saúde, especialmente a do Dr. Farill.

Entendemos que a maneira como Heidegger pensa o corpo e a existência humana contribuiu para que estudiosos da enfermidade revelassem a quão frutífera é sua filosofia para se pensar a experiência de desterro que vive a pessoa adoecida. O exame da vida e da obra de Frida Kahlo, a partir desta perspectiva filosófica, nos revela que a artista conseguiu ressignificar a *Unheimlichkeit* que o adoecimento carrega através de suas pinturas, mas também por ter recebido um cuidado humanizado em saúde.

## REFERÊNCIAS

AHO, James; AHO, Kevin. **Body matters: a phenomenology of sickness, disease, and illness.** United Kingdom: Lexington Books. 2008.

CESTARI, V. R. F., Moreira, T. M. M., Pessoa, V. L. M. de P., Florêncio, R. S., Silva, M. R. F. da., & Torres, R. A. M. The essence of care in health vulnerability: a Heideggerian construction. **Revista Brasileira De Enfermagem**, 70(5), 1112–1116. 2017.

CIOCAN, Cristian. Embodiment and Animality. **The Journal of the British Society for Phenomenology**, 50 (2), 87-193, 2018.

HEIDEGGER, Martin. **Seminários de Zollikon.** São Paulo: Escuta, 2009.

HEIDEGGER, Martin. **Ser e tempo.** Trad. Márcia Cavalcante. Petrópolis: Vozes, 2015.

HERRERA, Hayden. **Frida: a biografia.** Trad. Renato Marques. São Paulo: Globo, 2011.

KAHLO, Frida. **O diário de Frida Kahlo: um autorretrato íntimo.** Tradução de Mário Pontes. 3. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2015.

KETTENMANN, Andrea. **Frida Kahlo.** Köln: Taschen, 2022

NOGUEIRA, Eduardo B; MELLO NETO, Gustavo A. R. Frida Kahlo: considerações sobre o trauma e a reinvenção do corpo. **Psicol. teor. prat.**, São Paulo, v.18, n.2, p34-45, 2016.

REIS, Robson. R. A abordagem fenomenológico-existencial da enfermidade: uma revisão. **Revista Natureza Humana**, São Paulo, v. 18, n. 1, p. 122-143, 2016.

SVENAEUS Frederick. Illness as unhomelike being-in-the-world: Heidegger and the phenomenology of medicine. **Med Health Care Philos.** Aug;14(3):333-43, 2011.

Realização:



Apoio:

